

Violência e Fantástico no Conto “Cão” de Moacyr Scliar

Carolina Veloso Costa*

Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA

Índice

Introdução	1
1 Relações de poder e violência	2
2 Violência e o Fantástico	2
Conclusão	4
Referências	4

Introdução

O presente artigo apresenta uma análise do conto “Cão”, do livro *O carnaval dos animais*, sob uma perspectiva do social e da literatura fantástica. O autor, Moacyr Scliar, é porto-alegrense de nascença – 23 de março de 1937, médico por profissão e escritor por paixão. E assim como muitos escritores de literatura fantástica, ele acredita que é preciso muito mais que inspiração para escrever, só ela não é o suficiente, as idéias surgem de diversas formas – do sonho, por exemplo.¹

*Discente da Especialização em Literatura Latino-Americana da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Unila.

¹Depoimento dado pelo escritor Moacyr Scliar em entrevista para o *Jornal da Cultura*, publicado em 14 de abril de 2008. Disponível em: <http://www.coedup.com.br/anterior/professor-bete-entrevista.pdf>.

É comum encontrar nos textos do Moacyr Scliar temas da realidade brasileira que oscilam entre presente, passado e futuro, além da tecnologia e os problemas sociais do cotidiano. Dessa forma é o livro “*O carnaval dos animais*”, publicado em 1965 e composto por 14 contos marcados pela violência envolvendo relações entre homens e, principalmente, animais. Segundo Regina Zilberman o homem é alvo da própria violência:

A violência, que leva o homem, às vezes por uma deformação pessoal, ora social, a arruinar seu meio ambiente, marca o conjunto de contos de *O carnaval dos animais*. Quando desaparece o álibi do espetáculo, que libera as forças destrutivas à altura da fantasia e atenua seu efeito sobre a realidade, as personagens tornam-se agentes ativos, escolhendo como objeto preferencial de sua ação predatória o outro. (ZILBERMAN, 2002: 11)

A violência está atrelada aos temas do cotidiano universal, nesse sentido, diz-se que Scliar escreve literatura fantástica, pois seus textos estão marcados por figuras oníricas sem abandonar a realidade que o rodeia.

O conto *Cão* narra à história de um pequeno cão produzido por japoneses, que tem a única função de proteger o homem.

1 Relações de poder e violência

O cachorro Bilbo foi criado a partir de um animal selvagem, com instinto assassino “Ele mantém a ferocidade do lobo – continuou o senhor Armando – aliado às qualidades do cão de guarda.”² Ou seja, fizeram do melhor amigo do homem uma máquina mortífera, capaz de reconhecer um bandido a quilômetros de distância. Na continuação do conto, o proprietário do cão – senhor Armando, utiliza-se de palavras específicas para definir de quem o animal precisa protegê-lo, ou seja, o alvo: “marginal e vagabundo”, essas palavras servirão para que o cachorro execute todos os personagens do conto.

A primeira vítima do pequenino é um mendigo. O assassinato ocorre devido a necessidade do Sr. Armando em mostrar ao amigo, Sr. Heitor, o trabalho do seu novo cão de guarda, para tanto deixa que o cachorro “indique o caminho correto” para resolver o problema, no caso a presença do ser inconveniente. O cômico dessa parte do conto está no fato de um cachorro treinado durante 12 anos, com os dentes revestidos de platina, na orelha um aparelho acústico e nos olhos lentes de contato para permitir visão no escuro, também possui a capacidade de saber o caminho correto para lidar com um ser humano, de forma que ele não seja mais uma ameaça à sociedade. Mas, ambos os senhores não esperavam que a situação se re-

²Os trechos do referido conto serão indicados por aspas no decorrer do trabalho.

vertesse, afinal, a marginalidade não está somente na “classe baixa” da sociedade. Pois, logo após devorar o mendigo, o cachorro devora o senhor Armando por ele não quer pagar sua dívida com o Heitor, por outro lado, Heitor é devorado porque sua mulher acha que ele está sendo desonesto quando diz que ganhou o cachorro do Armando. Todos devorados pela pequena e “justa” criatura. Sendo assim, é aparente que os dois senhores já tinham péssimos antecedentes.

Não é por acaso que o narrador utiliza a palavra *senhor* para se referir aos dois homens que conversam “no aprazível jardim frente à casa do senhor Heitor”, para dizer que são de idade avançada, mas sim, para mostrar a divisão de classes na sociedade. Além de deixar perceptível desde o princípio ao leitor que se trata de homens com alto poder aquisitivo, porém sem nenhum caráter, enquanto um comprou um cachorro com instinto assassino, o outro, impressionado com seu poder, quer Bilbo em troca de uma dívida antiga.

2 Violência e o Fantástico

O fantástico implica em um acontecimento que não se pode explicar racionalmente, ou seja, foge da realidade. Seguindo essa linha de raciocínio, a fantasia no referido conto encontra-se no fato dos japoneses terem criado um cão menor que um copo de uísque e esse cachorro possuir a capacidade de devorar qualquer coisa em segundos, inclusive um homem. Conforme nos mostra o seguinte trecho do conto: “Com uma hábil manobra da minúscula cabecinha, Bilbo jogou a sua presa no chão. A seguir, iniciando pela própria perna onde tinha os dentes ferados, começou metodicamente a mastigar.

[...] Tudo muito rapidamente.” Esses acontecimentos causam estranhamento não só no leitor, mas também aos personagens do conto, pois eles estão ancorados a nossa realidade, dessa maneira, se não fosse por esses detalhes o conto não seria tão surpreendente e fantástico. Segundo Todorov:

A ambigüidade se mantém até o fim da aventura: realidade ou sonho? verdade ou ilusão? Somos assim transportados ao âmago do fantástico. Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, [...] produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. (TODOROV, 1975: 30).

Dessa maneira, o fantástico é aquilo que fica no âmbito da dúvida e deixa a incerteza sobre a verossimilhança dos fatos, todavia, mesmo não sendo compreendidos como lógicos esses fatos estão relacionados ao cotidiano. Como o conto *Cão* que relata momentos e atitudes comuns das relações pessoais: a humanidade é corrupta, não importa cor, cultura ou classe social. Além disso, Todorov condiciona a possibilidade de um texto ser considerado fantástico

no caso do narrador dever estar em primeira pessoa, com o intuito do leitor se aproximar do personagem e se reconhecer nele, pois o pronome “eu” pertence a todos. Entretanto, no conto aqui analisado, o narrador está em terceira pessoa e em nenhum momento se coloca como participante dos fatos ocorridos ou como observador, mas isso não desmerece de forma alguma o fantástico e o poder de convencimento desde narrador heterodiegético, conforme já foi confirmado por outras características.

É possível ainda dizer que, a literatura fantástica implica uma transgressão do mundo real no qual habita o personagem e que o leitor esta familiarizado. Dessa maneira, Regina Zilberman na introdução do livro “O carnaval dos animais” explica a forma como que o fantástico é apresentado no conto e como o autor mescla com temas do dia-a-dia da sociedade: violência e tecnologia.

O fantástico não se apresenta, porém, apenas como um produto do imaginário dos protagonistas. Há narrativas em que o recurso ao extraordinário ou ao insólito domina soberano: está presente quando da criação do cão-zinho fabuloso que devora os desonestos, causando o despovoamento do conto [...] É esta que aparece exageradamente ou, noutra formulação, incomum é a ação do homem em relação aos seus semelhantes, de modo que, nestes textos, o fantástico é empregado para denunciar os problemas verificados na sociedade. (ZILBERMAN, 2002: 13)

Conclusão

Moacyr Scliar no conto *Cão* coloca as características de uma sociedade e uma humanidade corrompida, no qual não há respeito ao próximo e as pessoas são guiadas pelos seus interesses pessoais. Essa sátira não se restringe a população do Rio Grande do Sul e nem a do Brasil, mas sim é uma sátira de caráter universal, tanto que o cachorro foi criado por japoneses e comprado por um brasileiro. Quantos Bilbos foram criados? Quantos mendigos e senhores foram devorados?

O pequeno cão, símbolo do fantástico no conto, é a ironia da forma como que o homem lida com seus medos e seus defeitos. O homem tem medo de seus semelhantes e não consegue perceber o quanto que são parecidos se tirarem suas máscaras de “mendigos e senhores”; que um ser minúsculo e irracional pode distinguir aquilo que é certo ou errado, ou não diferenciar um marginal esfarrapado de um marginal de terno e gravata.

No conto *Cão* e nos demais contos do livro “O Carnaval dos animais”, o fantástico e a violência se misturam e ambos possuem a capacidade de chocar o leitor. Cabe a ele: escolher se o estranho é o animal treinado para matar ou o homem que o cria, compra e o deseja; e perceber que não basta ser traído pela sua própria criação, mas também por seus semelhantes. Dessa forma, é possível concluir que o homem é a sua própria destruição.

Referências

SCLIAR, Moacyr. (2002), “O carnaval dos animais.”, São Paulo: Ediouro.

TODOROV, Tzvetan.(1975), “Introdução à literatura fantástica.”, São Paulo: Perspectiva.